

Ética e complexidade em Edgar Morin¹

Fábio Cesar Gelati*
Joviles Vitório Trevisol**

Edgar Morin é um dos mais destacados pensadores da atualidade, sendo um dos principais protagonistas do debate contemporâneo sobre a crise ecológica e sua relação com os processos de desenvolvimento científico, tecnológico e econômico da modernidade. Desde a década de 1960 vem desenvolvendo um intenso e profícuo debate no campo da epistemologia, particularmente sobre a temática da complexidade. Publicou mais de três dezenas de livros, entre os quais se destaca *O método*, uma obra composta por seis volumes. A presente resenha versa sobre o volume seis, intitulado *Ética*.

Na obra *Ética* Morin nos conduz a uma profunda reflexão a respeito do destino da vida planetária. Apresenta a complexidade da vida em nosso planeta e insere-nos como parte importante dessa trajetória milenar. Coloca-nos frente a frente com nosso destino, tornando-nos parte importantíssima

da complexidade da vida. Ao expor sua reflexão a respeito da ética, demonstra confiança na capacidade que o ser humano tem para reorganizar sua casa, não só a planetária, mas também sua subjetividade, seus sentimentos, desejos, enfim, transformar a barbárie que ainda reside no espírito humano. Para Morin, transformar a natureza humana é uma aventura sem fim.

* Graduado em Filosofia e Pedagogia. Especialista em Gestão do Meio Ambiente. Coordenador pedagógico no Colégio Santíssima Trindade, mestrando em Educação na Unesco – Joaçaba (bolsista Capes/Fapesec). E-mail: fabiogelati@yahoo.com.br

** Graduado em Filosofia e Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutor em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Docente pesquisador do Programa de Mestrado em Educação da Unesco – Joaçaba. E-mail: joviles.trevisol@unesco.edu.br

¹ Resenha baseada no livro: MORIN, Edgar. *O método*, v. 6 ética. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Recebido em: 4/11/2008 – Aprovado em: 28/11/2008

Quando discute ética, o autor discute a natureza humana. É próprio da natureza humana o enfrentamento do bem e do mal. O conhecimento da natureza humana compreende o conhecimento da condição humana em sua multidimensionalidade, genialidade, ignorância e fraqueza. Método para essa transformação? Morin sugere a autoanálise, a autocrítica, a tolerância, a compreensão, a consciência, a cordialidade, a amizade, entre outras; olhar para nós mesmos sem máscaras, encarar o que realmente somos. O caminho surge ao caminhar, transformando-se continuamente.

Para ele, a salvação do planeta reside na consciência humana. Todo o esforço de Morin é no sentido de colocar o homem em busca de sua humanidade, de seu espírito mais nobre, transformando a barbárie. Para desarmar a hostilidade, sugere valores como a cortesia, benevolência, amor e simpatia. Mas tomar consciência é extremamente trabalhoso, em razão das várias formas de cegueira que se instalam no espírito humano. Segundo ele, as principais cegueiras são a guerra, ira, ódio, desprezo, exclusão do outro, paradigmas mitológicos, religiosos, cognitivos, egocentrismos. Morin (2005, p. 70) afirma que “a ciência tornou-se assim uma potência motora social”. Ocorre uma perda de controle laboratorial, incentivada pelos interesses econômicos, os quais estão concentrados nas mãos de um

seleto grupo. A certeza apresentada por Descartes, de que o homem deveria dominar a natureza, levou-o a buscar incessantemente o controle da natureza e a manipulação da vida. O limite sucumbiu diante da busca desenfreada para transformar a vida na biosfera, conduzindo a vida planetária para a incerteza e a iminência da destruição.

Morin reflete a respeito do princípio ético originário. O princípio ético vem nortear, controlar a barbárie humana, a dominação que a ciência exerce sobre a matéria, a vida, o ser humano. É questionável o real interesse das pesquisas com decodificação dos genomas, exploração do cérebro, manipulações genéticas, a busca da eugenia. Para Morin, é “degradação do primado do costume, regra primitiva do dever, o enfraquecimento do poder da religião, a diminuição da presença íntima de si do Superego cívico” (2005, p. 91). A fragmentação da vida pela ciência distanciou o homem de sua identidade terrena. O homem não conhece a si mesmo e, consequentemente, não se reconhece no outro. Morin aponta para a necessidade de serem criados símbolos, valores, mundo espiritual de conceitos para viver a vida natural de forma social; garantir humanidade para o homem conviver com o homem.

A transformação do pensamento é tarefa de todos os seres humanos! É vital pensar em saídas para a incer-

teza que envolve o futuro da vida no planeta Terra.

Morin retoma a sentença de Pascal: “Trabalhar para pensar bem, eis o princípio da moral.” Aponta o pensamento como forma que o ser humano possui para alterar o iminente curso de destruição da vida na biosfera. Foi através do pensamento humano que a realidade em que nos encontramos foi construída. Dessa forma, o antídoto encontra-se no próprio pensamento, ou seja, em sua regeneração, em sua religação. Morin sustenta que a humanização é possível por meio da educação, entendida como processo de libertação; libertação da incompreensão que está arraigada no espírito humano. Educar é conduzir para fora, soltar as amarras que aprisionam o espírito humano em conceitos cristalizados, descontextualizados da vida planetária; as ideias são instrumentos intelectuais e entidades possessivas.

Educar é ensinar a navegar na turbulência; razão e paixão; enfrentar o risco de petrificar-se na razão, de naufragar na loucura. Educar é dar condições para o enfrentamento da racionalidade *versus* demência, venerável *versus* barbárie, nascimento *versus* destruição. Educar é, também, disciplinar o egocentrismo para abrir espaço ao altruísmo.

A educação deve conduzir o homem a ser compreensivo. Para Morin, a incompreensão é a fonte de todos os males humanos. Endossa a importância que a compreensão tem para a

humanidade ao recordar Victor Hugo: “Esforço-me em compreender para perdoar.” “O perdão baseia-se na compreensão. Compreender um ser humano significa não reduzir a pessoa à falta ou ao crime cometido e saber que ela tem possibilidade de recuperação” (MORIN, 2005, p. 127). O perdão só se torna possível mediante a compreensão, mas um perdão autêntico, não como afirmou Nelson Mandela: “Perdoemos, mas não esqueçamos”.

Fica evidente que a transformação do pensamento é trabalhosa, complexa, pois a vida é complexa. “Pensar bem” é fruto do trabalho, e a educação torna-se a ferramenta por excelência na feitura de um homem mais humano. De acordo com Morin, o pensamento complexo tem suas origens na palavra latina *completare*, da qual vem *complexus*, que significa abraçar.” O pensamento complexo é o pensamento que abraça a diversidade e reúne o separado. O pensamento complexo estabelece a religação cognitiva; abre uma via indo e vindo da religação cognitiva à religação ética” (MORIN, 2005, p. 142). A educação é, nesse sentido, uma dimensão essencial:

Ora, o problema crucial do nosso tempo é o da necessidade de um pensamento apto a enfrentar o desafio da complexidade do real, ou seja, captar as ligações, interações e implicações mútuas, os fenômenos multidimensionais, as realidades ao mesmo tempo solidárias e conflituais (como a própria democracia, sistema que se nutre de antagonis-

mos que regula). Pascal formulara o imperativo de pensamento que se deve, hoje, introduzir no ensino, desde o maternal: “Todas as coisas sendo causadas e causadoras, provocadas e provocadoras, mediatas e imediatas, e tudo se inter-relacionando por um vínculo natural e insensível que liga as mais distantes e mais diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes” (MORIN, 2005, p. 153).

A educação participa de forma decisiva na construção do ser humano, da sua humanidade; conduz à reforma do pensamento, do espírito, e permite a religação do conhecimento fragmentado. A educação torna o homem capaz de compreender os problemas planetários e DE tomar consciência das necessidades políticas, sociais, éticas. Morin sugere que o papel da escola fundamental é a formação dos espíritos, para que seja possível conhecer o mundo por ideias claras e distintas; eliminar o que provoca desordem ou contradição no entendimento.

O trecho a seguir é elucidativo para se compreender a dimensão da reforma de pensamento proposta por Morin:

A tomada de consciência de que “a reforma de vida” é uma das nossas aspirações fundamentais pode contribuir fortemente para outras reformas, entre as quais aquela que regeneraria a ética. A reforma da vida leva à reforma de civilização e à reforma ética, as quais conduzem à reforma de vida. A reforma do espírito pela educação é

uma necessidade absoluta para a reforma ética (“trabalhar pelo pensar bem”, de Pascal) e permitiria compreender a necessidade de reforma da sociedade e de civilização. A reforma da sociedade deveria comportar a instauração de novas formas de solidariedade, a regulação do lucro, o primado da qualidade de vida, portanto o convívio. A política de civilização deveria contribuir para a reforma de vida, a qual deveria contribuir para a política de civilização. A reforma ética deve ser conjugada com a reforma educativa e com a reforma de vida (2005, p. 176).

Qual é a finalidade da ética? A esta indagação, Morin sugere a seguinte reflexão: “A primeira é a resistência à crueldade e à barbárie, realizações da vida humana. A segunda é a realização da vida humana” (2005, p. 202).

É preciso que o homem se reinvente no processo evolutivo do pensamento, de criação e transformação da vida e do planeta. É necessário sentar-se à beira do caminho e refletir sobre a condição humana em todas as suas possibilidades. Não se pode terceirizar o espírito humano e o destino da vida planetária. A constituição do ser humano ético é um processo permanente e inacabado. Morin nos faz refletir sobre a importância de saber pensar, amar, viver: “O médico amor diz-nos: ame para viver, viva para amar. Ame o frágil e o perecível, pois o amor mais precioso, o melhor, inclusive a consciência, a alma, são frágeis e perecíveis” (2005, p. 202).